F6124.270

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Gomes de Rocha Madahil

O

GRANDE LIVRO DOS PINTORES,

OU

ARTE DA PINTURA,

CONSIDERADA EM TODAS AS SUAS PARTES, E DEMONSTRADA POR PRINCIPIOS,

COM REFLEXÕES SOBRE AS OBRAS D'ALGUNS BONS MESTRES, E SOBRE AS FALTAS QUE NELLES SE ENCONTRAÕ,

POR GERARDO LAIRESSE,

COM HUM APPENDICE NO PRINCIPIO

SOBRE OS PRINCIPIOS DO DESENHO

TRADUCÇAÕ DO FRANCEZ.

DE ORDEM,

E DEBAIXO DOS AUSPICIOS

DE

SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE N. S.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCI.

PRINCIPIOS DO DESENHO

TIRADOS

DO

GRANDE LIVRO DOS PINTORES,

OU

DA ARTE DA PINTURA,

DE GERARDO LAIRESSE,

TRADUZIDOS DO FRANCEZ PARA BENEFICIO DOS GRAVADORES DO ARCO DO CEGO,

DE ORDEM,

E DEBAIXO DOS AUSPICIOS

DE

SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE N. S.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCI.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ograndelivrodosp00lair

SENHOR.

O *Ter sido incumbido em nome de V. A. R. da criaçaõ do novo corpo de Gravadores do Arco do Cego, cujo numero no breve periodo d' hum anno chegou a vinte e quatro, me fez conhecer que sahiaõ das Aulas de Desenho, estabelecidas pelo Augusto Avô de V. A., que Santa memoria haja, unicamente com alguma prática de copiar, mas nenhuma dos principios, em que esta se deveria estabelecer, menos da noticia historica dos heróes, que se fizeraõ célebres nesta sublime profissaõ, naõ só para se animarem com calor a imitallos, mas tambem para chegarem a occupar hum dia no templo da immortalidade hum assento a par dos mais sublimes Mestres. Assim debaixo da protecçaõ de V. A. R. vemos ir no seu encalço a Freitas, Costa, Silva, Eloi, Vianna, e outros, tendo sómente por Mestres o seu genio, e talento*

Por este motivo, SENHOR para que fosse omnimoda a minha obediencia às Soberanas intenções de V. A. R. me resolvi a traduzir,

e fazer traduzir, e imprimir tudo, quanto se tem escripto a este respeito, deixando aos meus pobres adidacticos a escolha das doutrinas, que devem seguir, dos modêlos, que devem imitar.

Pobres, SENHOR, chamo; porque, sem outra despeza mais que a do seu jornal, procuraõ, no seio de sua propria pátria, fazerem-se illustres na sua profissaõ, ao contrario pois dos que viajaõ, a fim de aprenderem, que avesados com o gosto daquelle leite, que fóra dos seus lares os alimentou, nunca lhe perdem o amor, e ficaõ, esquecidos da sua arte, sendo gravosos aõ Estado. O Exame dará a prova

He com o maior respeito

De V. A. R.

Humilde Vassallo

Fr. José Mariano Velloso.

PREFAÇAÕ

DO TRADUCTOR FRANCEZ.

O Talento superior que Lairesse mostrou em todas as partes da Pintura, e as bellezas admiraveis de todos os generos, que caracterisaõ a maior parte de seos chefes-d'obras, faráõ eternamente precioso o conhecimento dos principios da arte que tinha adoptado para si, e os processos, que empregou para a elevar a hum sublime gráo de perfeiçaõ; o que fez dizer a hum homem de genio e de gosto, cujo juizo naõ póde ser equivoco, que » *o grande livro dos Pintores de Laires-* » *se*, de tanto soccorro aos aprendizes, lhe » mereceo o titulo de Bemfeitor das artes » que seus trabalhos illustraraõ » (1) pelo que esta obra foi traduzida em muitas linguas, e obteve o seu author o reconhecimento, e elogios de todos os artistas, e

A de

(1) Gessner, Carta sobre a Paisagem.

de todos os verdadeiros conhecedores que souberaõ aprecialla.

Com effeito ninguem talvez profundou melhor, que Lairesse todas as partes da pintura; ninguem ajuntou huma theoria mais bella e mais sublime á principios melhores e mais solidos; e ninguem, ao menos, desenvolveo, a meu ver, d'hum modo mais luminoso, nem mais sinceramente os segredos de sua arte. Alguns pintores, na verdade, indicáraõ o que era preciso fazer-se, porém nenhum, como o nosso author, ensinou o como.

Nascido com huma paixaõ incomprehensivel pela pintura, dotado d'hum genio ao mesmo tempo profundo, e poetico, como tambem d'hum espirito agradavel e nutrido pela leitura dos melhores authores classicos, e d'hum conhecimento singular da historia e da fabula, Lairesse inventava com admiravel facilidade; e sem possuir a mesma correcçaõ de desenho que Poussin, mereceo igualmente ser comparado á este celebre artista (1), tanto por seu grande modo de compor, como por sua attençaõ escrupulosa em observar as regras da historia, e o costume

(1) Deo-se lhe o nome de Poussin Hollandez, titulo de qual se fez quasi sempre digno.

me dos povos antigos. Suas composições saó ricas, embellesadas de tudo, quanto permitte o objecto, sem que nisso haja nada superfluo ou imutil. Ahi se descobre ao primeiro golpe de vista as principaes figuras distinctas de todas as outras, que naó saõ mais que accessorias: E cada figura tem ar e acçaõ proprias a caracterisar a paixaõ actual de sua alma; de sorte que reconheceo sem equivoco, o Deos, ou Heróe que elle representou.

Conheceo muito bem tanto a animaçaõ e expressaõ que resultaõ do meio caminho da acçaõ, que indica naõ somente o que tem precedido, como o que deve seguir do movimento que faz a figura. Sabio, engenhoso, e claro em sua allegoria, as fez mui bellas e nobres. Tractou a architectura como grande mestre, e homem, que tinha continuamente debaixo dos olhos os monumentos de Athenas e de Roma. A perspectiva linear lhe era familiar, e via-se pelas suas pinturas, á que ponto possuio a magica da perspectiva aeria e visual, sobre a qual dá idéas novas em seus escriptos. O lançado de seus panos, sempre feliz, era no gosto dos grandes mestres da Italia. Os apanhados saó simples, largos, amplos, e provaõ que elle

conhecia o effeito do peso especifico dos estofos, como tambem sua rigidez, ou sua flexibilidade natural. A liçaõ da sua obra nos fará conhecer tambem os principios que prescrito se tinha sobre o colorido; principios que se achaõ confirmados pelos toques firmes, e delicados de seu pincel, como pela belleza e veracidade de sua côr. Era igualmente habil em representar todas as qualidades de metaes, e de marmores, e sobre tudo era taõ excellente em pintar o baixo relevo de marmore branco, de maneira, que chegava a enganar a vista mais perspicaz, como se póde convencer por alguns fragmentos deste genero, que existem em Amsterdaõ: talento que deve sem duvida ao estudo particular, que tinha feito da natureza e da qualidade das cores, como da vantagem que hum pincel habil pode tirar. Em huma palavra, naõ ha alguma parte da arte, sobre que elle naõ tivesse adquirido conhecimentos profundos por longas meditações e huma ma practica ardente e continuada; estes conhecimentos, torno a dizer, elle os communicou, e expoz com huma clareza e especie de bondade, que fazem igualmente honra á seu espirito e á seu coraçaõ.

Naõ

Naõ he pois sem algum fundamento, a meu ver, que nos lisongeamos que se verá com gosto apparecer a traducçaõ, que o desejo de ser util me fez dar, do *grande Livro dos Pintores* de Lairesse, taõ digno, em quanto a mim, de se achar entre as mãos dos novos artistas, e dos que se abrasaõ do desejo de levar a sua arte á maior perfeiçaõ; e esta mesma vista de utilidade he, a que me determinou á naõ perverter a ordem, que o author deu a sua obra, nem o modo, com que exprime as suas idéas, as quais nos limitamos a dar com fidelidade e clareza. A unica liberdade, que nos permittimos, foi ommittir muitas comparaçóes, muitas vezes longas e sempre inuteis á arte, que o author naõ aventurou sem duvida, se naõ com a vista de procurar algum alivio ao espirito de seu leitor. Talvez se desejaria que nós tivessemos igualmente ommittido alguns esboços, que Lairesse traça dos quadros, que emprega para fazer comprehender melhor seus principios; porém nos persuadimos que da extensaõ, que estas direcçõe daõ á obra, e a inutilidade, de que poderaõ parecer á huma certa classe de leitotores, achar-se-ha naõ menos, depois de hum exame reflectido, proprios para fazer

zer conhecer a sabedoria do author, e o modo engenhoso e simples, com que faz inculcar seus preceitos em todas as partes da arte, pondo-os por assim dizer, em obra nestes quadros. Pensamos pois que era necessario conservallos todos precisamente, conformando-nos ao axioma de Plataõ, que Lairesse cita em sua prefaçaõ: » Que naõ deve haver pejo de dizer » duas vezes a mesma cousa, sendo dita » com acerto. » Nós pusemos no principio do *Grande Livro dos Pintores, os principios do desenho* do mesmo author, de quem tinha apparecido huma traducçaõ á muito tempo, e que naõ temos feito senaõ rever sobre a segunda ediçaõ Hollandeza, de sorte que apparecia por addicçaõ de duas lições, e algumas passagens que se naõ encontraõ na primeira. Lancemos agora hum golpe de vista sobre a vida do nosso artista.

Gerard de Lairesse, nascido em Liege em 1640, era filho de Reinier de Lairesse, bom pintor no serviço do Principe de Liege, para o qual trabalhava com Bartholet, cujo estillo era mais agradavel e a côr mais macia; no mais eraõ îguaes em merecimento (1).

Pa-

(1) Poder-se-ha apreciar o talento de Bartholet pelo ar-

Parece incerto, se o pai de Lairesse, ou Bartholet tivesse sido seu primeiro mestre; porém he de crer que aproveitasse no principio as lições de ambos, e que pelo tempo adiante os estudos de Bartholet na antiguidade, e nas ruinas de Roma, seu compendio das melhores estampas de Pousin, e de Pedro-Teste acabassem de formar o gosto e o estillo do mancebo Lairesse, que consultou mais que tudo muito bem as gravuras de Teste, como se póde ver em seus primeiros desenhos.

Depois destes primeiros estudos, Lairesse deixou sua patria, onde o animavaõ pouco, e se passou para Utrech; porém naõ se achou mais felis, pois se vio reduzido, pelo ultimo recurso, a pintar paraventos, e bandeiras; quando hum de seus vizinhos o aconselhou o enviar duas de suas Obras a Vilemburg famoso mercador de quadros em Amsterdaõ, que soube com effeito apreciar o seu talento, e que obrigado pelas instancias de Joaõ Van Peé, e de Gribber, que entaõ era o seu pintor, se transportou no mesmo dia

---

rebatamento do Profeta Elias, que representou no Zimborio dos Carmelitas descalços em Paris; por huma adoraçaõ dos Reis que se vê na Sacristia dos grandes Agostinhos, e por hum bello tecto nos jardins reaes Thuileries.

dia para Utrech a buscar Lairesse, para lhe trabalhar em Amsterdaõ. Na manhãa seguinte a sua chegada a esta Cidade Lairesresse subio a officina de Vilemburg, onde foi o theatro, em que se lhe apresentou hum panno, lapis, e huma palheta. Depois de estar por algum tempo immovel, e mudo diante do cavalete, puxou o nosso artista debaixo de seu capote huma rebeca, a qual tocou, e depois debuxou a passagem do Menino Jesus em o presepio; depois disso tornou a tomar a rebeca e tocou, pegou de novo em os pinceis e acabou ao primeiro talhe, em duas horas, a cabeça do Menino, da Virgem, de S. Jose, e do Boi, d'hum modo taõ bello, que encheo d'admiraçaõ á todos os espectadores pela facilidade e graça de sua obra.

Lairesse fez no espaço de dous mezes grande numero de quadros para Vilemburg, que os vendeo bem caros, o que deu reputaçaõ ao nosso artista, que se aproveitou disto, para os vender como seus proprios, e tirar hum partido mais vantajoso de seu talento.

Seria penoso escrever-se, e crer-se tudo, quanto foi capaz de executar em hum tempo taõ breve; porque, além de muitos grandes tectos, que pintou, encheu os quar-

quartos e gabinetes com seus quadros; deixou tambem huma prodigiosa quantidade de desenhos a lapis, e aguarellados; sem fallar em suas gravuras a agua forte, que Visscher compillou em huma obra completa *in folio*, cuja maior parte de objectos saõ da maõ de Lairesse; de sorte que, se naõ tivesse sido taõ grande pintor, seria celebre por suas gravuras, que saõ trabalhadas d'hum modo grande, espirituoso, agradavel, e facil. Hum exemplo de sua grande facilidade tornará verosimil tudo, o que acabamos de dizer. Apostou pintar em hum dia, sobre hum grande panno, Apollo, e as Musas no Parnaso, e o conseguio a final. Pretende-se, de mais a mais, que Apollo fosse hum retrato semelhante á Bartholomeo Abba, seu amigo, que o veio ver ao meio dia.

Em 1690, na idade de 50 annos, foi Lairesse tocado da cegueira, o que se attribue á huma grande applicaçaõ da gravura á agua forte, e á candêa, como o dá a entender elle mesmo. Porém á pesar desta desgraça conservou sempre hum fundo d'alegria, como se verá pela leitura de suas obras; e ainda que tivesse muitas vezes momentos de tristeza, buscava destruilla, tomando a flauta, ou a rebeca, que

tocava muito bem; e unia á musica hum gosto decidido pela poesia, que cultivou tambem com algum sucesso; o que deu occasiaõ a hum poeta Hollandez, de dizer a seu respeito.

« Elle pinta em poesia, e descreve na » pintura. »

Porém o que sobre tudo o consolou, foi o amor, que lhe restou, a huma arte, que elle tinha adorado, e sobre a qual se satisfazia em conversar com seus amigos, aos quaes designava hum dia na semana, para virem ouvillo; de modo que era, na expressaõ do traductor Alemaõ *dos seus Principios de Desenho*, o centro d'hum circulo d'artistas, aos quaes communicava suas luzes. E quando se despediaõ traçava com greda sobre hum grande panno suas idéas, que fazia copiar por hum de seus filhos, e que a sociedade das artes de Amsterdaõ fez depois imprimir debaixo da revisaõ do mesmo Lairesse.

Depois de ter assim completa a sua util carreira, morreo Lairesse de idade de 71 annos em Amsterdaõ, e foi enterrado pela sociedade das artes desta Cidade a 28 de Julho de 1711; naõ tendo, de que se censurrasse, senaõ da grandissima propensaõ para o amor e prazer, que produzi-

ziraõ a desgraça de sua mocidade, e que o deixaraõ sem recurso, quando a privaçaõ de sua vista naõ lhe permittio mais restabelecer sua fortuna.

He espantoso que M. Descamps pretenda, que se naõ possa accrescentar nada aos elogios que Lairesse deu ás producções de Glauber, de quem Lairesse naõ disse huma so palavra em sua obra; porém he, sem duvida, mais de admirar, que o nosso artista guardasse este profundo silencio a respeito de hum amigo, que se hospedava com elle, que presidia ás conferencias academicas, que se fazia em sua casa, cujas encantadoras paisagens elle encheu, á muito tempo, com suas figuras elegantes.

Lairesse tinha tres irmãos, Ernesto que era o mais velho, Jacques, e Joaõ seus irmãos menores. Ernesto se distinguio felizmente pela pintura de todos as qualidades de animaes, de que compoz em tempera hum grosso compendio, no principio do qual estava o seu retrato, e que elle vendeo ao Principe de Liege, que o enviou á sua custa a Roma. Morreo em Bonna, de idade de 40 annos.

Jacques que era irmaõ o posterior do nosso artista, excedia em pintar flores, e

occupou-se tambem de figuras em pedra, ou camafeus, porém com menos felicidade.

Joaõ, o mais moço dos irmãos, applicou-se, como Ernesto, a pintar animaes; porém naõ teve o mesmo talento que elle.

Deixou Lairesse tres filhos, dos quaes o mais velho, chamado André, applicou-se ao negocio e commercio, e morreo nas Indias, os outros dous, Abraham, e Joaõ, exercitáraõ a pintura igualmente, como seu tio Jacques, de quem se fallou com elogio.

Naõ daremos aqui o catalogo dos quadros conhecidos de Lairesse; porém diremos taõ somente alguma cousa das grandes obras deste artista, que naõ saõ sujeitas a mudar de lugar.

Ve-se em Liege, na Igreja de Santa Ursula, a penitencia de Santo Agostinho, e seu Baptismo; saõ dous grandes quadros.

O Martirio de Santa Ursula, na Igreja deste nome, em Aix-la-chapelle.

O salaõ do Castello de Soesdyk, em Hollanda.

O antigo theatro de Amsterdaõ, que se queimou a alguns annos, era tambem obra delle.

Hou-

Houbraken deu, nas *Vidas dos Pintores Hollandezes*, huma ampla descripçaõ das obras em baixo relevo, que Lairesse fez, para adornar a casa de M. de Flines, em Amsterdaõ, e que bastariaõ para immortalisar o nosso artista pelo bello genio, grande conhecimento, e riqueza da composiçaõ allegorica, que alli se encontra.

PREFACÇAÕ
DO AUTHOR.

PARECERA' sem dúvida singular, que hum homem cego ouse publicar huma obra, escrita por si mesmo sobre huma arte taõ difficil, como he a pintura, e se pensará que elle teria algum poderoso motivo, que o determinasse a huma igual empreza; no que se naõ enganaráõ. O amor, que sempre tive á minha arte, e o desejo de ser util aos novos artistas, me empenharaõ a tomar este trabalho; tanto mais porque os escritores, que até ao presente tractaraõ da pintura, se entregaraõ antes em tecer hum pomposo elogio desta arte, e dos que a praticaraõ, do que em traçar os principios solidos para adquirilla, e para levalla ao gráo de perfeiçaõ, a que póde chegar. De outra parte, o desgraçado estado, a que me vejo reduzido, me tem violentado a buscar meios de occupar utilmente o meu espirito. Tenho pois lugar de esperar qualquer indulgencia sobre a pouca ordem e methodo, que reinaõ nesta obra, que tenho composto por fragmentos, occupando me ja de huma parte, e ja da outra, segundo me permitte a situaçaõ de minha alma, e sem que tivesse sonhado no principio publicar as idéas, que longas meditações, e huma prática de muitos annos me fizeraõ nascer

so-

sobre huma arte, que tem formado o encanto da minha vida. Porém movido depois pelas solicitações dos meus amigos, que faziaõ gosto de vir conversar comigo sobre os principios, que eu me tinha formado, compuz hum corpo d'obra, na esperança de que pudessem servir d'algum soccorro aos discipulos. Esta empreza era difficil sem duvida, e merecia muita circumspecçaõ da minha parte; tanto mais que eu me recordava sem cessar dos trabalhos que tenho tido em executalla, d'hum modo digno d'arte, e que satisfaça por mim mesmo as idéas, que meu espirito tinha concebido.

Com tudo o gosto de satisfazer á pergunta dos pintores dos Paizes Baixos, que muitas vezes me fizeraõ a honra de tomar por juiz em suas questões sobre a arte, ainda que naõ fosse digno, me fez vencer todo o temor, e toda a difficuldade. Naõ se pense por fim, que pretendo que as regras, que proponho, bastem para conduzir ao artista á perfeiçaõ; eu naõ as dou, pelo contrario, senaõ como simples ensayos proprios para recordar suas idéas; da mesma sorte que eu me lembro que huma massa de neve, e hum carvaõ de fogo me tem feito ver muitas vezes cousas, que certamente naõ existem nem em huma, nem em outra, e que sei bem que o menor indicio basta algumas vezes, á hum espirito bem organizado, para fazer rapidos progressos, como nos ensina a historia da vida de muitos celebres artistas.

Se tenho dilatado mais sobre humas partes, do que outras, he por que humas me parecem merecer mais attençaõ, ou exigir serem mais bem discutidas, por cauſa das difficuldades, que offerecem; e que, quando se me leraõ as provas para a impressaõ desta obra, achei que naõ tinha

ex-

explicado assás claramente as minhas idéas, e que por conseguinte era necessario desenvolvellas melhor, conformando-me ao sentimento de Plataõ: *Non enim tædet bis dicere, quod bene dicitur.*

Com facilidade se perceberá que, estabelecendo os meus principios sobre a pintura, tenho proposto fazer conhecer a sua utilidade; que depois produzi as provas dos defeitos, que resultaõ de naõ os observar, e que, ao mesmo tempo, indiquei os meios de os remediar; para que por este methodo se aprenda a conhecer as bellezas da arte, e seus recursos, como tambem o erro daquelles, que pretendem submettella a idéas arbitrarias. Talvez se me accusará de prescrever regras, que naõ tenho eu mesmo observado em minhas obras; eu me convencerei bellamente desta verdade. Porém he necessario contemplar-se, que, no estado da cegueira, em que me acho actualmente, a minha memoria he melhor e o meu espirito mais tranquillo e mais reflectido; e que, por conseguinte, posso ajuizar mais saãmente do bem das cousas, do que no tempo, em que o goso da vista permittia entregar-me com ardor á prática da minha arte.

Se se encontrar que algumas estampas desta obra naõ tem toda a perfeiçaõ que se deseja, posso segurar que este defeito, que he assás ordinario, naõ se me deve attribuir; porque tenho procurado, quanto estava da minha parte, que fossem bem executadas. He preciso tambem, que eu anticipe ao leitor que as duas estampas, que servem de representar as proporçõe do corpo do homem, e da mulher, foraõ absolutamente mal reduzidas pelo gravador. Quanto aos erros e faltas, que podem ter escapàdo em o texto, naõ posso culpar absolutamente senaõ a mim mesmo.

PRINCIPIOS DO DESENHO,

OU.

METHODO BREVE E FACIL

PARA APRENDER ESTA ARTE EM POUCO TEMPO.

Advertença necessaria para intelligencia deste Tractado.

TODO o mundo conhece, que hum toucado agradavel ajuda ao enfeite d'huma bella fizionomia, e que hum estillo corrente tem grandes encantos para fazer gostar d'hum escrito. Com tudo naõ he a minha intençaõ empregar aqui termos exquisitos, nem fallar destes successos extraordinarios, taõ conhecidos dos historiadores, para representar diffusamente, aos que amaõ o desenho, a excellencia, a utilidade, e o poder desta arte. Naõ tenho em vista senaõ a instrucçaõ dos meus leitores, por ser o unico alvo, que eu me proponho. Eis-aqui, o que tem causado a incertesa, em que á muito tempo tenho persistido sobre a forma, que daria á esta obra, para poder ser util e agradavel ao leitor; e para poder elle mesmo tirar o maior fructo possivel. Pensei dever seguir o exemplo dos mais habeis escritores do nosso seculo, que tractaraõ taõ dignamente o mesmo objecto, ainda que deixassem no esquecimento certas cousas muito uteis; porém naõ deve isto causar admiraçaõ; porque esta arte he taõ vasta, que naõ se poderia jamais

possuilla com perfeiçaõ, nem tambem fazer conceber toda sua a extensaõ. Pareceria talvez estranho que, convencido desta verdade, tenha eu mesmo ousado expor-me á igual empreza. Porém, animado sempre pelo espirito da pintura, julguei que o mais seguro meio de repellir meus desgostos no estado infeliz da cegueira, em que me acho, era executar o melhor, que me fosse possivel, e conforme o fraco alcance de meu espirito, o plano, que tinha traçado, quando gosava ainda da vista. Naõ he que me naõ recorde o ter já havîdo muitos escritores, que tractaraõ a mesma materia, servindo unicamente para isso de termos differentes, ainda que a fundo naõ tenhaõ feito mais do que copiarem-se huns dos outros; o que sem duvida me embaraçaria dar á luz este Tractado, senaõ esperasse apresentar alguma cousa de novo. Apezar disto naõ duvido que muita gente me achará culpado daquillo mesmo, que reprehendo nos outros; porém me consolarei facilmente; porque o ceo me tem feito a graça de esforçar-me para vencer os maiores trabalhos. A perda só da minha vista parecia formar hum sufficiente obstaculo, e roubar-me toda a esperança de chegar ao fim de meu designio; porém, penetrado das bellezas da minha arte, vou tentar o impossivel, e encarregar-me de fazer meus conhecimentos uteis, aos que a amaõ. He tambem preciso que eu dê as graças a Deos, de que tocado de meu triste estado, elle tem illuminado os olhos do meu entendimento, fortificado minha memoria, e conduzido minha maõ. Porém, quando se lembrassem de criticar-me, ou por causa da simplicidade de meu estillo, ou de algumas pequenas individuaçôes, em as quaes julguei dever entrar, e que se trate a minha obra por fogo de criança, nada me embaraçaráõ, com tan-

PRINCIPIOS DO DESENHO,

OU

METHODO BREVE E FACIL

PARA APRENDER ESTA ARTE EM POUCO TEMPO.

Advertencia necessaria para intelligencia deste tractado.

TODO o mundo conhece, que hum toucado agradavel ajuda o enfeite d'huma bella fizionomia, e que hum estillo corrente tem grandes encantos para fazer gostar d'hum escrito. Com tudo naõ he a minha intençaõ empregar aqui termos exquisitos, nem fallar destes successos extraordinarios, taõ conhecidos dos historiadores, para representar diffusamente, aos que amaõ o desenho, a excellencia, a utilidade, e o poder desta arte. Naõ tenho em vista senaõ a instrucçaõ dos meus leitores, por ser o unico alvo, que eu me proponho. Eis-aqui, o que tem causado a incerteza, em que á muito tempo tenho presistido sobre a forma, que daria á esta obra, para poder ser util e agradavel ao leitor; e para poder elle mesmo tirar o maior fructo possivel. Pensei dever seguir o exemplo dos mais habeis escritores do nosso seculo, que tractaraõ taõ dignamente o mesmo objecto, ainda que deixassem no esquecimento certas cousas muito uteis; porém naõ deve isto causar admiraçaõ; porque esta arte he iaõ vasta, que naõ se poderia jamais

possuilla com perfeiçaõ, nem tambem fazer conceber toda sua extensaõ. Pareceria talvez estranho que, convencido desta verdade, tenha eu mesmo ousado expor-me á huma igual empreza. Porém, animado sempre pelo espirito da pintura, julguei que o mais seguro meio de repellir meus desgostos no estado infeliz da cegueira, em que me acho, era executar o melhor, que me fosse possivel, e conforme o fraco alcance de meu espirito, o plano, que tinha traçado, quando gozava ainda da vista. Naõ he que me naõ recorde o ter já havido muitos escritores, que tractaraõ a mesma materia, servindo unicamente para isso de termos differentes, ainda que a fundo naõ tenhaõ feito mais do que copiarem-se huns aos outros; o que sem duvida me embaraçaria dar á luz este Tractado, senaõ esperasse apresentar alguma cousa de novo. A pezar disto, naõ duvido que muita gente me achará culpado daquillo mesmo, que reprehendo nos outros; porém me consolarei facilmente; porque o Ceo me tem feito a graça de esforçar-me para vencer os maiores trabalhos. A perda só da minha vista parecia formar hum sufficiente obstaculo, e roubar-me toda a esperança de chegar ao fim do meu designio; porém, penetrado das bellezas da minha arte, vou tentar o impossivel, e encarregar-me de fazer meus conhecimentos uteis, aos que a amaõ. He tambem preciso que eu dê as graças a Deos, de que tocado de meu triste estado, elle tem illuminado os olhos do meu entendimento, fortificado minha memoria, e conduzido minha maõ. Porém, quando se lembrassem de criticar-me, ou por causa da simplicidade de meu estillo, ou de algumas pequenas individuações, em as quaes julguei dever entrar, e que se trate a minha obra por fogo de criança, nada me embaraçaráõ, com tan-

tanto que este jogo, todo pueril, como lhes parece, seja util áquelles, á quem se destina. De mais disso, penso que hum modo simples de se enunciar produzirá mais effeito do que hum estillo florido, que seria aqui inutil, e nenhuma impressaõ faria sobre o espirito da mocidade. Naõ he pois como orador, o que já disse, que me mostro ao Publico; porém como hum homem, que, encantado de sua arte, a tem traçado sobre o panno d'hum modo claro e intelligivel para todo o mundo, e de donde meu filho á tem trasladado para consagralla á todos os que amaõ o desenho. Ainda que eu naõ dê aqui senaõ os primeiros principios, para uso da mocidade, naõ ha alguem, á quem este livro naõ possa servir de grande utilidade, para chegar ao conhecimento de todas as bellas artes; taes, como a pintura, architectura, gravura, escultura, agrimensura, etc., que se naõ pódem aprender senaõ com o lapis na maõ. Além disso, fiz annexar aqui estampas com todas as figuras necessarias, para ajudar a mocidade aproveitar-se melhor das minhas idéas, e naõ tenho deixado passar cousa alguma a este respeito, de tudo quanto lhe póde ser util. Só a inveja pois he que póde achar aqui alguma cousa que criticar; porém ella se tem feito conhecer á tanto tempo, que eu naõ receio os seus ataques. Eu me lisongeo mesmo que seus talhos os mais vivos se enfraqueceraõ contra o escudo, que lhes opponho, quero dizer, a minha insensibilidade. Demais, se meus leitores querem tomar o trabalho de correr com attenção, e do principio ao fim, este pequeno escrito, eu naõ duvido que achem nelle muito mais, do que naõ parecia prometter-lhes no principio. Em fim, se este Tractado lhes agradar, eu me confessarei obrigado a dar-lhes logo outro para o adiantamento da pintura.

tanto que este jogo, todo pueril, como lhes parece, seja util áquelles, á quem se destina. De mais disso, penso que hum modo simples de se enunciar produzirá mais effeito do que hum estillo florido, que seria aqui inutil, e nenhuma impressaõ faria sobre o espirito da mocidade. Naõ he pois como orador, o que ja disse, que me mostro ao Publico; porém como hum homem, que, encantado de sua arte, a tem traçado sobre o panno d'hum modo claro e intelligivel para todo o mundo, e de donde meu filho á tem trasladada para consagralla á todos, os que amaõ o desenho. Ainda que eu naõ dê aqui senaõ os primeiros principios, para uso da mocidade, naõ ha alguem, a quem este livro naõ possa servir de grande utilidade, para chegar ao conhecimento de todas as bellas artes; taes, como a pintura, architectura, gravura, escultura, agrimensura, etc., que se naõ podem aprender senaõ com o lapis na maõ. Além disso, fiz annexar aqui estampas com todas as figuras necessarias, para ajudar a mocidade aproveitar-se melhor das minhas idéas, e naõ tenho deixado passar cousa alguma, a este respeito, de tudo quanto lhe pode ser util. Só a inveja pois he que póde achar aqui alguma cousa que criticar; porém ella se tem feito conhecer á tanto tempo, que eu naõ receio os seus attaques. Eu me lisongeo mesmo que seus tractos os mais vivos se enfraqueceraõ contra o escudo, que lhes opponho, quero dizer, a minha insensibilidade. Demais, se meus leitores querem tomar o trabalho de correr com attenção, e do principio ao fim, este pequeno escrito, eu naõ duvido que achem nelle muito mais, do que naõ parecia prometter-lhes no principio. Em fim, se este tractado lhes agradar, eu me confessarei obrigado a dar-lhes logo outro para o adiantamento da pintura.

PRINCIPIOS

DO

DESENHO,

OU

MEIO BREVE E FACIL PARA APRENDER ESTA ARTE PELOS ELEMENTOS DE GEOMETRIA.

DO mesmo modo que o alphabeto ou conhecimento das letras serve de introducçaõ á grammatica, tambem a geometria he o primeiro passo, que nos conduz ao desenho, ao qual senaõ pode chegar bem sem ella, bem como a outra qualquer arte ou a outra qualquer sciencia. Com effeito he pela geometria, e por meio dos traços ou das linhas, que nos aprendemos a conhecer a longitude e latitude dos corpos; o que he recto ou curvo, o que he horisontal, perpendicular ou obliquo; o que he redondo, oval, quadrado, hexagono, octogono, arqueado, concavo, ou convexo; em huma palavra todas as figuras e todas as formas imaginaveis. E como naõ existe algum corpo, que naõ tenha alguma destas formas, he necessario começarmos por instruir nisto aos rapazes, que querem applicar-se ao desenho, e inda mesmo empregallos nisso, até que estejaõ bem penetrados. Se eu tivesse muitos filhos, naõ quereria que algum delles se applicasse a huma arte, ou sciencia, menos que soubesse bem ler,

e

e escrever; quereria tambem, se eu pudesse, que aprendessem hum pouco de latim; e parece-me que na idade de dez ou doze annos, teriaõ conhecimento bastante para applicar-se entaõ á qualquer arte ou sciencia. Eu ponho de mais dez annos para amadurecer o espirito, e dar voo ao genio, o que nos conduz a vinte e dous annos. Inda accrescento mais dez para regular e escolher o genero de vida, que se quer seguir; o que faz trinta e dous. Tomemos outros dez annos, para chegar a perfeiçaõ, ou na theoria, ou na prática, o que completa quarenta e dous annos. Desta idade até aos cincoenta, e dahi por diante, se lá se chegar, he o tempo proprio para adquirir hum grande nome, e consolidar a sua fortuna.

Assim he que eu divido a vida de hum pintor. Com tudo o Ceo dispoem á sua vontade: huns avançaõ mais na carreira, e outros proseguem mais tardos; ainda que de outra sorte o trabalho he inutil, quando falta o genio: *absque ingenio, labor inutilis.* Em fim, a experiencia nos ensina que o meio mais seguro de ter successo feliz no desenho, he sujeitar-se á elle debaixo de hum habil mestre; applicando-se á elle com cuidado, e constancia; o que, em todas as sciencias, he o melhor meio de se tornarem faceis as cousas mais difficeis.

Liçaõ I.

Para dar a hum alumno sólido fundamento da Arte do Desenho, e conduzillo ao que nella ha de mais particularidade, deve o mestre romper pelo trabalho de começar pelos principios mais simples, e presistir nisso, até qúe elles fiquem bem impressos na memoria do menino; porque sem isso he impossivel que faça algum progresso, bem longe de chegar á perfeiçaõ.

Os primeiros elementos do Desenho consistem pois em fazer diversos traços, ou linhas differentemente lançadas; isto he o que se póde olhar como o alfabeto da geometria.

Exemplo.

Expomos aqui no principio aos olhos dos alumnos hum ponto notado na Est. I., Fig. 1.; depois huma linha perpendicular 2; duas linhas obliquas 3; huma linha horizontal 4; duas linhas curvas 5; e huma linha mixta 6.

Os alumnos devem começar, formando-se huma idéa exacta de todas estas linhas; o que lhes naõ será difficil; porque vem todos os dias a figura em os objectos, que se apresentaõ á seus olhos.

Porém, como naõ he preciso que se limittem á theoria desta arte, e devaõ forcejar, para adquirir a prática; o mesmo mestre póde traçar estas linhas sobre huma pedra, e ensinar-lhes á imitallas com hum ponteiro. Nenhuma duvida ha, que elles aproveitariaõ, depois do ensino de tres ou quatro dias; porém, faltan-

do-lhes ainda alguma cousa á este respeito, será facil ao mestre mostrar-lhes, de que modo devem pegar no lapis ou no ponteiro, e como o devem ter, para formar estes traços de hum modo elegante, e desembaraçado. Porque, acostumando-se discipulos no principio á hum máo methodo, se faz mais difficil corregillos ao depois, do que fazellos tomar hum bom no principio. Feito isto, póde o mestre passar a novas Lições, e a novos exemplos.

O mestre, que tiver dous aprendizes, quasi de hum mesmo tempo, poderá desde já conhecer, por esta primeira Liçaõ, taõ simples, como parece, a differença do talento, e do genio de hum, e do outro; porque muitas vezes acontece que, o que brilhava mais no Collegio, desempenha menos aqui. Hum, mais desembaraçado que seu camarada, formará de repente seus traços com huma maõ expedita; em quanto o outro, mais timido traçará os seus com huma maõ indecisa e tremula, e, por conseguinte, os deitará a perder. Esta differença deve, em geral, ser attribuida á differente educaçaõ, que se dá aos meninos. Por isso he necessario acostumallos desde logo á applicarem-se á seus exercicios com toda a attençaõ possivel; recordando-se do preceito d'Horacio (Liv. II. Epist. 2.): *Que hum vaso conserva muito tempo o cheiro do primeiro liquor, que se lhe infundio.*

Por outra parte o mestre, que tem prudencia, deve observar attentamente o humor, e inclinaçaõ de seus discipulos, para conduzillos todos a seu alvo, indaque sejaõ de hum caracter differente. Deve saber tambem, de que modo precisa portar-se, para instruir a mocidade com successo, e accommodar-se á inclinaçaõ do genio.

De-

Deve-se evitar tudo, quanto póde fazer qualquer obstaculo ao adiantamento dos discipulos, e ter em vista hum meio proporcional entre o relaxamento e a grande severidade, ainda que a doçura he sempre o meio mais seguro. Boas palavras e modos honestos fazem infinitamente mais impressaõ sobre a mocidade do que huma violenta reprehensaõ, que he mais propria para o que tem a palmatoria, do que para quem tem a palheta, e o pincel, que devem ser manejados voluntariamente, e com prazer. Além disso, hum mestre naõ deve já mais deixar-se impacientar, quando tambem elle he obrigado a voltar mais de huma vez sobre a mesma cousa; sobre tudo, quando vê, que seus discipulos fazem o mais que podem, para comprehender suas lições, e pollas em prática.

He certo que os principios saõ sempre mais custosos ao mestre; porém recebe hum preço mais suave, quando vê que o discipulo faz constantemente novos progressos, e promette distinguir-se algum dia. He preciso pois que senaõ enfade de repetir muitas vezes a mesma cousa, porque a memoria, e concepçaõ da mocidade saõ fracas, e delicadas, e a brevidade, servindo-me para isto do proverbio Latino: *Brevitas memoriae amica*, lhes he de grande soccorro.

Liçaõ II.

He deste modo, que nós corremos adiante de tudo, o que póde ajudar aos alumnos; e que bem longe de suffocar este nobre ardor, que se vé luzir de mais a mais na mocidade, nos empregamos a conservalo; porque muitas vezes acontece que bellos genios venhaõ a perder-se pela severidade, com que se tratáõ. Ha outros muitos, aos quaes he inutil ter recebido da natureza hum genio proprio para a pintura, porque, pela ignorancia, dos que os instruem, elles o empregaõ mal, em vez de que, se tivessem habeis mestres, teriaõ sem duvida perfeitamente sido felices.

Naõ se deve pois já mais forçar á hum rapaz a aplicar-se á huma arte, para a qual naõ se sente com propensaõ; porque tudo, o que se faz por constrangimento, excita o desgosto. Bem se póde ensaiar, na verdade, sua inclinaçaõ a este respeito; porém, como hum bom cavallo naõ tem necessidade de espora, da mesma sorte o genio do discipulo naõ deve soffrer alguma violencia. Cumpre pelo attractivo do agrado estimular o natural, que de mais disso naõ quer ser opprimido. A arte da pintura, sobre tudo, requer, desde os primeiros principios, ainda que pareça desagradavel, hum modo livre; por isso he necessario ensinalla, para assim dizer, folgando. Naõ he necessario abraçar muitas cousas d'huma vez, nem accumular tudo junto, para evitar a confusaõ. Prosegue-se com segurança, quando se marcha a pequenos passos, em quanto correndo se arrisca a tropeçar, e tambem cahir, e naõ poder

por

por muito tempo levantar-se. Para este effeito, depois de ter ensinado a tirar huma linha recta, obliqua, transversal, curva ou mixta (no que os alumnos procuraõ muitas vezes excederem-se huns a outros, ainda sem conhecer a utilidade); hiremos pouco e pouco mais adiante (embora pareça pueril este methodo) introduzindo nos em sua conducta; e fazendo-lhes ver, porque acabaõ de aprender esta primeira liçaõ, a necessidade que ha de a saber bem.

He preciso pois examinar com cuidado se estas linhas saõ, como devem ser; para louvar os discipulos do que tiverem feito bem, mostrando lhes com doçura as faltas, que poderiaõ ter commettido, e indicando lhes o meio de as corrigir. Este methodo faz mais impressaõ sobre os que começaõ, do que os discursos mais estudados; porque he preciso que façaõ entaõ mais uso de seus olhos do que de seu espirito. Isto os anima a seguir o exemplo de seu mestre e a imitallo. Elles se exercitaraõ depois por si mesmos á tirar estas linhas, e a disputar entre si a quem as traçará d'hum modo que se chegue mais ao original.

A segunda Liçaõ, que damos á nossos discipulos, parece definir-se primeira, e naõ parece de maior consequencia. Eis-aqui.

Exemplo.

A figura num. 7. da mesma Est. I. he hum circulo com hum ponto no centro, num. 8. he hum quadrado com hum ponto no meio: num. 9. he hum triangulo igualmente com hum ponto no centro; num. 10. offerece duas linhas perpendiculares e parallelas; num. 11. saõ duas linhas muito mais curtas, perpendiculares e pa-

parallelas; num. 12. saõ duas linhas mais compridas e fechadas, parallelas, e perpendiculares; num. 13. apresenta duas linhas tambem curtas como as do num. 11, porém mais apartadas huma da outra, perpendiculares e parallelas; num. 14. he hum circulo com huma linha recta, chamada diametro, que o atravessa pelo meio; num. 15. he hum quadrado com huma linha perpendicular e huma horisontal que o separaõ igualmente pelo meio; num. 16. he hum triangulo equilateral com huma linha perpendicular que o parte em dous, de alto abaixo, e huma linha horisontal, que a parte ao travez.

As figuras que apresentamos aqui aos olhos dos alumnos, naõ lhes pareceraõ difficeis de imitar; por estarem já exercitados em traçar linhas. Será naõ menos conveniente obrigalos a occuparem-se com cuidado, lisongeando-os com a esperança de lhes dar logo cousas mais agradaveis e mais essenciaes para fezer.

Liçaõ III.

Depois de ter feito conceber bem aos discipulos, o que he hum circulo, hum triangulo, hum quadrado, de que se tem falado na Liçaõ precedente; se lhes ensinará traçallos correctamente por meio do compasso e da regua, de que o primeiro serve para formar circulos, e a outra para tirar todas as sortes de linhas rectas sejaõ perpendiculares, obliquas, ou horisontaes; promettendo algum premio, ao que fizer melhor. Depois, em lugar de pedra e ponteiro, se serviraõ do lapis e papel, e se haõ de passar, ao mesmo tempo, a terceira Liçaõ.

Dar-se-lhes-ha tambem aqui alguns novos exemplos, que tendem aos precedentes, e se lhes ensinará a medir com o compasso, para saber, qual he a longitude, e largura, e altura. Para este fim, se lhes ajunta a medida, que he d'hum pé, notada por duas linhas transversaes; Fig. 17. Est. I., a que se segue, he hum terço, e a terceira he hum quarto. Deve-se tambem ensinar-lhes os termos d'arte, que formaõ, para assim o dizer, o seu alphabeto.

Exemplo.

Figura 17 Est. I., he, como acabamos de dizer, a medida de hum pé; num. 18 he huma pedra quadrada de hum pé de largo e de dous pés de alto; num. 19 he huma semelhante pedra estendida ao comprido; num. 20 he hum quadrado dividido em tres partes iguaes; num. 21 he hum circulo com seu diametro horisontal; num. 22 he hum triangulo com huma linha

nhã tirada de cada hum de seus angulos sobre hum de seus lados; os num. 23, 24, e 25, saõ tambem linhas parallelas, perpendiculares, horizontaes, e obliquas.

Se fará copiar esta liçaõ aos discipulos, do mesmo modo que a precedente, lisongeando-os de occupallos logo com cousas mais essenciaes. Hum mestre habil naõ se limita a perguntar-lhes, se comprehenderaõ bem os exemplos, que se lhes deraõ; porém os obriga atraçallos de novo em sua presença; porque acontece algumas vezes que o tenhaõ feito bem, mais por acaso, do que pelas regras da arte. Depois de os achar desembaraçados ácerca disso, pássa a huma liçaõ mais importante. Deste modo he que elles formaõ huma justa idéa do contorno, e da disposiçaõ, que devem ter todas as figuras, que se lhes apresentar. Com effeito, assim como os que aprendem a lêr, se applicaõ no principio a conhecer bem as letras, depois a pronunciallas, e em fim a lêr; da mesma sorte devem ser, os que se applicaõ ao Desenho; porém naõ he preciso já mais tratallos d'hum modo taõ imperioso como affectaõ os mestres de escolla, nem imprimir-lhes temor; para naõ exigir delles mais do que huma honesta, e racionavel differença. Deste modo hum discipulo novo, que tem disposiçaõ, fará sensiveis progressos. Contemplará com prazer todos os objectos, que o cercaõ, e quando perceber que a natureza, e arte o favorecem, elle se animará, de dia em dia, e elevará o seu espirito a grandes cousas. Acontece o mesmo a respeito dos discipulos como aos meninos que aprendem a andar pela fita; porque póde-se dizer que os homens saõ verdadeiros meninos, naquillo que naõ sabem; e os mancebos, bem instruidos, saõ homens

mens feitos antes que tenhaõ tocado a idade viril. Nós temos já feito deixar o compasso, e a regua a nossos discipulos, e os temos louvado de terem huma maõ firme em tudo, o que traçaõ. Avancemos agora mais longe, pondo-lhes diante dos olhos algumas figuras feitas com Arte.

Liçaõ IV.

Deixemos pois aqui a terra, para ir vagar por hum espaçoso mar, onde os novos viajantes teráõ grande necessidade de melhor piloto do que o era Palinuro, que surprendido do somno, cahio nas ondas, e perdeo a vida; porque o que naõ tem bons principios, será sempre hum máo imitador. He pois essencial que os discipulos tenhaõ hum habil mestre, que lhes ensine os verdadeiros fundamentos da Arte e que se naõ contente com elementos superficiaes; porque, com boas instrucções, póde dar, em pouco tempo, grandes luzes aos que saõ activos e diligentes. Assim os Lacedemonios costumávaõ escolher hum dos mais illustres, e mais habeis de seus magistrados, para vigiar sobre a educaçaõ da mocidade do seu Pais. Porém hoje os bons mestres saõ taõ raros, como os homens de bem. De sorte que com razaõ se lastima, que quantidade de genios excellentes, nascidos com talento, vem a ser máos Pintores, só pela razaõ de serem mal instruidos. He preciso convir em que a natureza tem muita força por si mesma, sem se lhe ajuntar a instrucçaõ, e que esta he impotente sem o soccorro da natureza; porém póde dizer-se que a natureza he céga, se a Arte lhe naõ illumina os olhos. A natureza come-

ça a abrir seu fertil seio, e a apresentar-nos huma infinidade de cousas, das quaes misturamos algumas com outras artificiaes, para animar ao nosso novo alumno pela representaçaõ do que lhe he já conhecido; porque sabe-se que os meninos se affeiçoaõ com bem vontade a traçar objectos, que se representaõ diariamente á sua vista; e assim he que a natureza imprime logo em seu espirito, o que concorda com sua inclinaçaõ. Naõ menos confesso que estas saõ as menores obras da Arte, e que he infinitamente mais bello saber pintar o homem, a mais nobre das creaturas, do que todos os objetos da natureza morta. Com effeito, que póde haver mais glorioso, e mais digno d'Arte, do que representar hum ser animado de hum sopro divino, e que se póde olhar como hum pequeno mundo, que nos apresenta, em summa, todo o systema da creaçaõ? Por isso mesmo haveria maior imprudencia em lhe pormos a maõ, e nos resultaria maior vergonha, do que teve Prometheu, quando roubou o fogo do Ceo, para animar o homem, que tinha formado á imitaçaõ do de Jupiter. Assim vamos continuar pelas cousas mais faceis, para chegar, pouco a pouco, ás que saõ mais elevadas.

Exemplo.

A fig. 26 da Est. I., mostra hum pote de agua; 27 huma janella; 28 hum cópo de vinho; 29 hum arco; 30 hum taboleiro de damas; 31 huma colher de pedreiro; 32 huma bacia de barba; 33 hum coraçaõ; 34 huma pá; 35 hum trevo; 36 hum losango; 37 huma lata de chá; 38 huma taça; 39 huma maçãa; 40 huma pera; 41 duas cereijas; 42 hum pecego.

Saõ

Saõ sem duvida, cousas communs, porém que saõ agradaveis de fazer á mocidade. Ellas podem tambem servir, aos que tem o espirito formado, para entrar com mais franqueza no seu palacio da natureza, e elevarem-se ás mais sublimes delicadezas da Arte. Com effeito, ainda que estas figuras sejaõ, por assim dizer, sem corpos, e se reduzaõ a linhas rectas, curvas, obliquas, etc.; he de huma necessidade absoluta o aprendellas, porque se lhes achaõ todas as especies de linhas, e de formas; e quando se sabe traçar bem os contornos destas bagatellas, nada ha a cujo fim senaõ possa chegar. Por exemplo, a colher do pedreiro, fig. 31, quasi naõ vem a ser outra cousa mais do que hum triangulo. O colo do pote d'agua, fig. 26, he huma especie de quadrado; o bojo he huma circumferencia, e o pé triangular. Porém quando se faz o bojo deste pote, primeiro se deve tirar o lado direito; depois o esquerdo, principiando sempre de cima para baixo. Omesmo digo dos lados do pé, que depois he preciso alinhar com igualdade. Feito tudo isto, tirai huma linha perpendicular pelo meio do pote, e vereis entaõ se está mais grosso de hum lado do que do outro. Assim he necessario executar todas as cousas segundo as regras da Arte, para que naõ falte nada. Deste mesmo modo se firmará, pouco a pouco, a maõ, cujos traços seráõ sempre desembaraçados em tudo, o que se desenhar, ou seja no esboço, ou ao depois de acabado; em vez de que, desprezando-se estes principios, naõ se fará mais do que trabalhar ao acaso, e naõ se chegará nunca á exactidaõ, nem á hum perfeito conhecimento da Arte.

Liçaõ V.

Para chegar pois a este desembaraço de traços, e á exactidaõ, de que acabo de fallar, proporei o exemplo seguinte.

Exemplo.

AA da figura 43 da Est. I. notaõ duas linhas rectas perpendiculares. BB duas linhas rectas horisontaes. CCcc quatro linhas obliquas. Naõ se vé aqui no principio, senaõ linhas, que já saõ conhecidas pelo nosso discipulo, e que elle sabe traçar com justeza. Porém, em lugar de as chamar simplesmente duas linhas perpendiculares, horisontaes, ou obliquas, ensinallos-hemos a chamallas parallelas. Todos os traços da Arte devem ter seus nomes particulares, e isto he muito util, como adiante se verá. Naõ devemos pensar, senaõ em imprimir no discipulo huma idéa exacta das cousas, a medida que nós as traçarmos, para que naõ obre ás cégas, e naõ abrace a sombra pelo corpo. Por isto naõ o accumularemos de hum montaõ de exemplos, que só serviraõ de embaraçallo, em lugar de lhe serem uteis. Buscaremos na verdade, dar-lhe algumas vezes hum exemplo ou huma comparaçaõ; porém será isto sempre de hum modo breve, preciso, e conveniente ao objecto, ao menos, quanto for possivel. Porém quando estivermos mais adiantados, lhe apresentaremos figuras mais complicadas, segundo o que pedir o caso.

Demais disso, he necessario advertir, que a linha horisontal de cima se chama o horisonte,

te, e o pequeno olho, que se vê no meio, chama-se aqui o ponto de vista. As duas linhas, que sahem deste olho, e todas as mais, que se lhe poderem tirar, saõ raios visuaes. A linha horisontal debaixo he a linha de terra. As duas linhas, tiradas d'hum e d'outro lado do horisonte, se chamaraõ linhas de distancia. Assim damos a cada huma destas linhas o nome, que lhe convém, e que se devem imprimir bem na memoria. Tambem ha ali huma linha em travez, que se avizinha mais do horisonte do que da linha de terra, e se diz, que he huma parallela ao horisonte; em vez de que se estivesse mais chegada a linha de terra, se diria, que he parallela á linha de terra.

Agora, para recrear o espirito dos discipulos, se lhes póde dar, de tempos em tempos, para folhear, hum livro de estampas, ou de figuras desenhadas pelos mais sabios mestres. Esta vista excita na mocidade huma emulaçaõ toda particular. Porém he necessario ver, que as estampas estejaõ em livro a parte, e as figuras desenhadas em outro; porque estas duas qualidades de cousas saõ propostas aos discipulos em vistas differentes. As estampas serviraõ pois para os divertir, ao mesmo tempo que recordaõ o seu espirito. Quando elles tem examinado huma, se enfastiaõ de hir a seguinte, para ver, qual será a composiçaõ. Os nomes dos sabios mestres, que as tem gravado, e que se lhes ensina, junto com os elogios, que se lhes dá, os enchem d'hum novo ardor; sobretudo, aos que as conciderаõ com alguma attençaõ, que estaõ resolvidos a applicarem-se toda a sua vida á pintura, fazendo-se habeis, a adquirir huma grande reputaçaõ nesta arte. Além disto, pódem notar nestas estampas, o que elles já

já tem aprendido, e deste modo certificarem-se de mais a mais nas regras da arte. E quem senaõ animaria a seguir estes tres grandes modelos? quando ali se vê hum desenho correcto e elegante, figuras nuas de bella escolha, de movimentos graciosos, de paixões bem exprimidas, (1) hum panno bem lançado, posturas pintorescas e concordantes, huma magnifica architectura, ornatos de bom gosto, huma bella composiçaõ, variedade nos toucados, e vestidos, segundo o costume dos differentes povos, como a armadura dos Gregos, dos Romanos, dos Persas, etc; n'huma palavra, tudo, quanto se póde encontrar nas melhores gravuras. Porém tudo aquillo se vê inda melhor nos desenhos dos habeis mestres, e se póde tambem tirar mais vantagem, porque alli se aprende a manejar o lapis ou o pincel d'hum modo facil, em vez de que naõ se saberia perceber o feitio destes mestres em as gravuras, onde tudo está invertido, ou, para assim dizer, vai ao contrario, do que mostra.

De modo que, se se der aos nôvos aprendizes hum livro de gravuras, e outro de desenhos, se esqueceraõ destes, depois de lançarem os olhos sobre as primeiras. Porém, naõ tendo á vista senaõ figuras desenhadas, e que elles as correm de passagem, tomaõ nisso tanto gosto, que sua imaginaçaõ fica tocada, e se fortifica de dia em dia. Ainda que eu tenha sido mais

(1) He bom enviar aqui ao excellente *Tratado das Paixões de Brun*, fazendo observar que se deve ter cuidado em procurar a ediçaõ original de B. Picart, que he muito mais correcta, e que, alóm disso, foi augmentada com muitos rostos, depois das ediçôes contrafeitas, que appareceraõ.

mais extenso, do que pensava no principio, lisonjeo-me de que o leitor me naõ terá levado a mal; porque, o que acabo de dizer, naõ póde servir senaõ á perfeiçaõ da arte.

Torno pois ao exemplo proposto. Os nossos novos aprendizes conheceraõ logo por si mesmos, porque, e em que vista, se traçaraõ as linhas, que ali vem; o que lhes dará hum novo ardor. Notaraõ tambem que todas as cousas tendem para seu centro; e que o meio de fazer seguros progressos he naõ affastar-se das regras d'arte. Para isto he que todas as figuras geometricas, que acabamos de traçar, e que teraõ aprendido a fazer, lhes seriaõ muito importantes; porque, deste modo, estaraõ em estado de darem razaõ de tudo, que fizerem.

Talvez, se nos dirá, que seria já tempo de examinar os progressos dos nossos discipulos, e que seus pais se impacientaõ por saber, se elles tem propensaõ para esta arte. Eu naõ duvido da alegria destes, quando sabem que seus filhos principiaõ a aproveitar-se. Tudo, quanto podemos dizer nesta occasiaõ, he, que hum tem a concepçaõ menos facil e o espirito mais timido do que o outro; e que, para corrigilo destes defeitos, he preciso polo com outro, que tenha mais fogo e vivacidade; porque he o meio de animar ao primeiro e tornalo mais desembaraçado, como tambem de moderar a petulancia do segundo, que se pode entregar mais hum pouco á sua imaginaçaõ. Este methodo produz logo hum bom effeito d'ambos os lados, e outro que attrahe mais respeito ao mestre. De mais disto, he verdade que todos os espiritos naõ saõ igualmente proprios para a pintura; porém naõ se saberia decidir taõ precipitadamente; porque os discipulos devem ser a

prin-

principio firmes no desenho, pára lhes dar depois exemplos mais difficeis de imitar, e exercitallos a manejar o pincel, para os pôr, pouco e pouco, tambem em estado de pintarem figuras humanas, que saõ os objectos mais perfeitos, que nós conhecemos. Para isto he preciso que os discipulos saibaõ desenhar bem todas as partes, com este maravilhoso arranjamento, e esta bella symmetria, que se lhes nota, sem despresar o admiravel encadeamento das junturas, que as reune. Entaõ se poderá descobrir, como em hum fiel espelho, a que pódem chegar; se ao menos aprendem a traçar bem todas estas partes, segundo as regras da arte, tudo o mais, ainda que difficil seja, virá por si mesmo; e assim he que nos os conduziremos ao que nisto ha de mais perfeito.

Com tudo este methodo naõ agradará a todo o mundo, sub pretexto de que se naõ quer fazer os meninos mais que simplices desenhadores; o que naõ redundaria, nem em seu proveito, nem em sua gloria; além do que, todo o mundo conhece, que este nobre exercicio he de huma grande utilidade, porque serve, para conhecer os talentos da mocidade, e se tem disposiçaõ para qualquer arte, que se serve do desenho; e que, fóra deste, serve para regular a vista e formar o juizo. Naõ menos se vê que se criaõ os meninos, muito mais os dos grandes, em todos os exercicios corporaes, sem terem quasi cuidado algum do seu espirito; e isto he, por huma grandissima paixaõ pelas riquezas. Porém, de que lhes servirá descenderem de huma familia nobre e illustre, se a fortuna lhes der de rosto? Como naõ aprendêraõ cousa util, nada lhes restará: de sorte que se lhes póde applicar o dito de Cataõ: *Opes fluxæ, ars perpetua.*

Além

Além disso, nada he mais proprio para a calmar o fogo da mocidade, do que o nobre exercicio do desenho; porque tudo, o que occupa agradavelmente o espirito, serve de moderar as paixões; e hum natural doce, opposto á hum espirito inconstante, forma hum agradavel caracter, como temos já notado; assim os antigos julgavaõ que o azedo e doce compunhaõ o nectar dos deoses.

Tenho achado por experiencia que hum espirito alegre brilha mais na pintura do que o humor sombrio e melancolico. O gosto natural, junto á vivacidade de espirito, produzio sempre homens extraordinarios, maiormente na pintura, que he taõ vasta e extensa, que naõ ha arte, nem sciencia no mundo, de que hum habil pintor naõ seja obrigado a ter alguma noçaõ. A natureza dá mais vantajem a hum espirito alegre e vivo, do que a instrucçaõ póde subministrar á outro. Assim se vê que entre os mais sabios mestres, que levaraõ esta arte ao mais alto gráo de perfeiçaõ, ha muitos mais que naõ respiravaõ senaõ o prazer e alegria, do que, os que tinhaõ humor triste e melancolico. Raphael, Polidoro, de Caravage, Leonardo de Vinci, Pesyndel Vaga, o Parmesan, Primatice, Pedro de Cortona, o Tintoret, o Giorgone, Luis e Annibal carache, o Albano, o Bassan, Lanfranc e outros muitos naõ foraõ elles de humor alegre e cheio de vivacidade? » Ainda que os passaros tenhaõ azas para voar, » disse hum escritor, com tudo as fechaõ, quan» do querem pousar ». Pode-se dizer tambem que os pintores, que tem o espirito vivo, e ardente, tambem tomaõ descanço; porém, quando os espiritos cobardes e pesados se querem esforçar a hum voo, elles se assemelhaõ ao des-

graçado Icaro, cujas azas artificiaes naõ puderaõ sustentar no ar.

Finalmente, he certo que naõ se saberia obrar melhor, do que occupar a mocidade no estudo e nas sciencias; porque, quer a fortuna lhes falte, quer naõ, tem sempre isto por sua parte, e saõ entaõ devedores á seus pais da boa educaçaõ que receberaõ. Assim os Pithagoricos tinhaõ razaõ de dizer que: » A » virtude he o fundamento das Cidades; e a » prosperidade dos estados depende da boa » educaçaõ dos meninos ». Accrescentai á isto que a natureza quasi nos conduz sómente ao interesse particular, e que a educaçaõ nos ensina a contribuir ao bem publico. A natureza nos faz aspirar a liberdade, ao mesmo tempo que a educaçaõ nos ensina a obediencia. Quantos bellos genios senaõ vem, que lastimaõ a falta de serem cultivados. Horacio mesmo nos ensina que a educaçaõ o eleva sobre o natural. O que nisso ha de mais triste, vem a ser, que o mundo corrompido naõ sente o seu mal; de modo que com razaõ se pode exclamar: *oh tempos! oh costumes!* e com razaõ dizia Cicero, que os homens, para assim dizer, bebem com o leite, todas as desordens e tresvarios, em que se precipitaõ.

LIÇAÕ VI.

NAõ se pode pois, ainda que se tenha a habilidade que for, julgar d'alguma cousa, que respeita á arte em geral, menos que senaõ possua a fundo o desenho, e que se tenha aprendido todas as suas partes. Ninguem ha, por huma razaõ mais forte, que possa dar seu parecer sobre hum quadro, nem decidir, se o pintor observou nelle todas as regras, naõ sabendo elle mesmo, em que consistem estas regras. He pois, a meu ver, huma grande inconsequencia da parte de certos amadores, que se consideraõ habeis, e que mesmo passaõ por taes, de fazer hum montaõ de todas as sortes de quadros, sem saber, o que compraõ, se he de ouro ou de cobre; e de dar hum grande preço por huma obra, que nada vale; o que naõ póde nascer senaõ da sua ineptidaõ. Com tudo, o mundo está cheio destes pretendidos conhecedores, que naõ julgaõ d'hum quadro, senaõ pelas cores brilhantes, que tocaõ seus olhos, incapazes de darem razaõ de nada. Porém se a arte recebe alguma vantagem da sua ignorancia, se póde dizer, que naõ soffre mais algum prejuizo.

Além disto, he necessario notar, que se desenhaõ os objectos visiveis, medindo sempre a olho a distancia, que vai d'huma parte a outra; e que, para se firmar a maõ, se deve aprender felizmente o modo de manejar o lapis, ou o carvaõ de madeira; o que consiste em ter hum ou outro, entre o polex e index, e apoiallo sobre a ponta do dedo do meio, que deve estar hum pouco encurvado. O carvaõ de madei-

ra esteve sempre em uso, he verdade; porém parece-me que vale mais servir se do lapis, que he mais proprio, e cujo traço he mais bonito; além disso, he mais facil de apagar-se com miolo de paõ. Comtudo penso que o carvaõ de madeira he melhor, para os que principiaõ, e o lapis, para os que tem já feito algum progresso.

O principal objecto do desenho consiste em fazer hum bom esboço; e por este motivo he necessario dar-lhe huma grande attençaõ. Alguns, por exemplo, para copiar huma estatua, principiaõ pela cabeça, que acabaõ com tudo, o que depende, e concluem depois o resto da figura de alto abaixo. Deste methodo se lhes segue, em geral, hum grande mal, porque fazem deste modo a cabeça, ou muito grande, ou muito pequena; de sorte que resulta hum todo disproporcionado, e que naõ concorda com o original; o que provém, de que elles nao observaraõ bem as distancias, de que acabamos de fallar. Aquelles pois, que quizerem executar bem, se lembraraõ em tudo, o que tiverem de desenhar, de distinguillo no principio em suas differentes partes; de medir as distancias com o dedo, ou lapis, sem compasso, e julgar a olho, o que o acostuma pouco e pouco á justeza, que he a nossa principal guia, como tenho já dito mais d'huma vez. Assim, quando se tiver copiado o exemplo seguinte, do modo que o tenho já ensinado, e se possuir bem este methodo, tudo o mais virá a ser facil.

Exemplo.

Para se desenharem os dous objectos, que se vem distinguidos em differentes partes na Fig. 44. e 45. da Est. I. se traçará no principio o pe-

pequeno, e depois o grande. Tirareis, com o vosso carvaõ de madeira, huma linha em cima, notada *a*; outra no meio, notada *b*; e a terceira na base, notada *c*. Vereis entaõ, se a figura póde entrar no espaço, que lhe destinaes. Continuareis depois a notar as partes menores até o fim; e passareis finalmente a traçar a figura. He facil ver, por este resumo, que a geometria he aqui d' huma absoluta necessidade, e que sem ella se naõ póde traçar nada justo sobre o papel.

Liçaõ VII.

He necessario copiar com cuidado os exemplos, que se vem na Est. II. O primeiro he hum oval, ou a forma de hum ovo. O num. 2 offerece hum rosto dividido em differentes partes. Os olhos estaõ n' huma distancia, que poderia ter alli a terceira entre os dous. O nariz tem o terço do comprimento do rosto. A boca tem tanta largura, como hum olho. As orelhas estaõ ao nivel dos olhos por cima, e da raiz do nariz por baixo, seja comprida, ou curta a distancia, conforme poder ser. Em a segunda cabeça, num. 3, vê-se a mesma divisaõ em comprimento, e largura; porém a figura, e as proporçõe da cara saõ differentes: a primeira he huma sexta parte mais comprida que larga; e a segunda he quadrada. Pelo que respeita ás mãos saõ duas vezes mais compridas que largas; e cada huma de suas partes tem seu proprio comprimento, largura, e grossura: vede as fig. 4, 5, e 6 da Est. II. O comprimento de hum pé he huma sexta parte do talhe de hum homem, e

he de cinco oitavos mais comprido que largo; vede as fig. 7, 8, e 9 da mesma Estampa. O comprimento do rosto, e das mãos deve ser exactamente igual, e faz tudo justo o decimo da altura de huma pessoa. Deve-se notar, além disso, que estas saõ proporçoes as mais regulares, tanto nos homens, como nas mulheres; e ainda que hajaõ poucas pessoas, que se assemelhem, naõ ha, quem se exceptue desta regra.

He preciso dar, ao mesmo tempo, outros exemplos; como a figura dos olhos, do nariz, da boca, e das orelhas, que se fará copiar com cuidado, e grande attençaõ. He necessario tambem ter exemplos, onde as sombras saõ notadas, e que eu chamo sombras corporaes, taes como as das fig. 10, 11, 12, 13, e 14 da mesma Est. II.; em quanto ás fig. 1, 2, e 3 desta Estampa naõ mostraõ senaõ o simples traço, ou contorno da cabeça.

Naõ se tem, digo eu, até aqui visto senaõ os contornos, passemos agora a encher, dando-lhes relevo por sombras, para fazer o que se chamaõ corpos sólidos. Para isto pois só falta dispôr as sombras, o que pede, que se acostume a desenhar com a sanguinea, e a notar os traços crusados de hum modo claro, e distincto, sem os desenhar com pó, ou graons, como o ensinaõ alguns mestres.

Liçaõ VIII.

Os exemplos que se daõ na Est. II., fig. 10, 11, 12, 13, 14, 15. e 16, mostraõ, de que modo se deve manejar o lapis, e nos fazem ver, ao mesmo tempo, que, para formar as sombras, he necessario, que os entalhes naõ sejaõ compostos senaõ de dous traços, que se cruzaõ, ou, em caso de necessidade, de tres para as sombras mais fortes; e que, para o relevo, ou redondeza, naõ ha mais que hum só. Nos recantos, onde os fundos, ou cavidades exigem toda a força do lapis, he necessario empoar, ou granisar, e seria hum enfado inutil empregar-lhe mais de tres entalhes huns sobre outros, como se mostra nestes exemplos. He preciso pois copiallos com cuidado, dar-lhe todo o tempo preciso, e naõ apressar-se; porque, desenhar pouco de huma vez, repetir muitas vezes a fazello bem, avança mais do que desembaraçar, e executar com presteza muito, e trabalhar apressadamente.

Para imitar pois bem estes exemplos, e todos os outros, he preciso ter traçado o contorno, tornallo a tomar com a sanguinea; depois disto se apaga com miolo de paõ toda a imperfeiçaõ do lapis, ou do carvaõ de madeira. O que feito, se retoca ligeiramente, por aqui, por alli, todos os cantos, que se póde ter embaçado, esfregando-os, como saõ cabellos, olhos, nariz, boca, dedos, orelhas, o contorno, etc. Observar-se-ha, naõ se fazer traços senaõ muito subtis nos contornos, que recebem a luz, e aclarar mais, os que fazem as sombras. Assim he que o contorno parece natural, e as fa-

figuras humanas, ou outros objectos, que se desenha tem huma belleza e graça toda particular. Depois se principiará a sombra por hum simples traço, porém assás forte todavia, principiando de cima, para conduzillo insensivelmente até abaixo, com a maior igualdade nas distancias que for possivel. Depois se passará a tinta clara, ou a redondeza, que se exprimirá do mesmo modo por simples traços mais, ou menos ligeiros, segundo os objectos, que se tem á vista; por que as meias tintas naõ devem já mais ser encrusadas. Eis-aqui estamos nós bem adiantados, e póde-se dizer, que está a obra meia feita. Para acaballa, e dar toda a força conveniente ás sombras, he preciso dobrar-lhe os traços, e tambem triplicallos, sendo necessario, como já o dissemos acima. Naõ resta mais que examinar a copia, para vêr se he conforme ao modélo; e achando-se que as sombras naõ saõ bem fortes, se poderáõ retocallas.

Notemos agora, o que as duas columnas num. 15 e 16 da Est. II. nos offerecem relativo ao objecto que tratamos. O lado de cada columna, que he igualmente illuminado, se chama *extremo claro*, da mesma fórma, que se dá o nome de *extrema sombra*, ao que he de hum escuro igual pelo todo; em quanto, o que está virado para a extremidade da superficie, ou da circumferencia, se chama *relevo*, ou *redondeza*, por causa de que huma columna he taõ redonda por diante, como pelos lados; ou, melhor, se chama *meia tinta*; porque a luz alli se diminue, e se desvanece. O mesmo se póde observar, naõ sómente em columnas, mas em todos os outros corpos redondos, que tem hum lado, onde a luz se diminue, e se perde; quero dizer,

em

em huns mais, e n'outros menos. Do mesmo modo he a superficie do abaco, ou quadrado assentado sobre o cume das nossas duas columnas; e he entaõ o que se chamaõ *tintas fugitivas*. *A meia tinta* toma este nome, por causa de ter hum meio entre o extremo claro, e o extremo escuro ou sombra, e de reunir por conseguinte estes dous extremos. Supponhamos, além disso, que huma destas duas columnas seja tambem carregada de baixos relevos, como a de Trajano, ou de Antonino; naõ menos se dirá que tem ella, em geral, suas luzes extremas, e suas sombras extremas, ainda que cada figura terá alli suas luzes, e suas sombras particulares.

Será, como hum cacho de uvâs, de que cada bago, tomado separadamente, tem sua luz, e sua sombra; porém que, reunidos, juntamente, daõ ao cacho toda a sua redondeza.

Pelo que respeita aos entalhes, feitos com a sanguinea, he provavel que os aprendizes os acháraõ mais difficeis de executar, do que se fizessem com granitos estes lados; porém elles veraõ logo que lhes servem, para lhes firmar a maõ, porque he de extrema importancia, que os traços sejaõ todos da mesma grossura, e de huma igual distancia entre si, para que as tintas escuras, ou claras se distingaõ melhor; o que faz que exijaõ mais juizo, e exactidaõ; porque se deve saber ao justo o effeito, que produziraõ dous ou tres ou quatro traços, que se crusaõ huns aos outros; o que naõ póde acontecer, quando se empoaõ, ou se granisaõ estes lugares, como he facil de conceber. He sem duvida inutil o fazer a apologia, por nos demoramos tanto tempo sobre estas circumstancias, porque ellas naõ podem servir, senaõ para darem firmeza, e

presteza á maõ, como tambem grande justeza ao olho.

Talvez parecerá singular que dê eu aqui o mesmo exemplo de tres, ou quatro modos differentes; o que pensei necessario, naõ sómente por causa da variedade, que alli se vê, e de que se perceberá logo copiado; porém, sobre tudo para que se tome huma idéa mais exacta da volta dos entalhes, como se vê na cabeça num. 13. Est. II. que está virada para traz, e naquella num. 14, que cahe para diante. Notai os entalhes, que apparecem na testa da cabeça, num. 13, e da outra seguinte, num. 14; huns volteaõ para cima em fórma de arco, e outros para baixo. Percebe-se melhor esta differença em huma columna, que está assombreada para cima, e para baixo do horisonte, sobre tudo se se entende a perspectiva. Bastará pois, para o presente, saber, em que circumstancias he necessario variar os entalhes, para acostumar nisso a maõ; porque nisso he, que consiste o bello estillo. Porém naõ he isto a unica cousa, que alli ha, de observar; pois hum contorno exacto, e desembaraçado naõ he menos essencial á huma obra, que, naõ o tendo, naõ póde ser bella, nem agradavel.

Liçaõ IX.

Depois de ter fallado até aqui das cabeças, das mãos, e dos pés, como tambem do maneo da sanguinea, passaremos insensivelmente ás figuras. Apresento aqui aos discipulos outro exemplo para observarem nelle a estructura das differentes partes do corpo, e seu encaixe. Debuxaráõ pois as duas figuras 1 e 2 da Est. III., em grosso ou em borraõ, ou ao menos suas principaes partes, com carvaõ de madeira, naõ lhe empregando mais que traços ligeiros; porém correctos, e principiando pela figura que está em pé. Além disso, he preciso que tracem primeiro o lado direito da figura; porque, quando os primeiros traços estaõ sempre expostos á vista, tambem o restante segue mais naturalmente, e dá menos trabalho. Em vez de que se se principia pelo lado esquerdo a maõ rouba o objecto e o encobre a vista. Antes tambem que o discipulo applique o seu carvaõ sobre o papel, he a proposito e muito vantajoso, que tenha algum tempo o seu modello na maõ, que o considere com toda a attençaõ possivel, e que tome cuidado no modo, com que as figuras e seus principaes membros concordaõ juntamente; até que tenha impresso em seu espirito todas as suas posições; o que lhe dará huma grande facilidade para a execuçaõ.

Demais, naõ he ainda tempo de exigir do discipulo que faça a sua copia maior, ou menor do que o seu modelo; seria isto exigir muito delle; assim nós nos limitaremos a fazelo executar da mesma grandeza. Para que pois a Fig. 1. da Est. III. se trace do modo mais seguro e

mais exâcto, he necessario que elle tire primeiro sobre o papel, com o carvaõ, a linha central ou perpendicular, e que reflicta sobre a relaçaõ, que deve haver entre a cabeça e o pé, sobre que a figura carrega, como o ensinei já na liçaõ sexta, a respeito do castiçal e do pote de agua. Ponha depois hum ponto no lugar, onde conjectura, pouco mais ou menos, que deve assentar a cabeça, o embigo, e o pé; e debuxe entaõ as principaes partes da figura de alto abaixo. Feito isto, se perceberá bem, em que altura a figura seguinte, num. 2, deve principiar, e se dirá elle a si mesmo, como se quizesse ensinar á outro: o alto da cabeça desta mulher deve estar em o nivel com o peito do homem, onde elle asinalará hum ponto. Sua barba deve achar-se em nivel com o embigo do homem, e porá tambem hum ponto, e assim do mesmo modo em todas as outras partes até o fim; e, deste modo, tudo se achará em seu justo lugar. Porém, para executalo, he necessario que o desenhador esteja em socego, e naõ ouça algum ruido, para poder facilmente notar as suas faltas, e vir a ser, para dizer assim, mestre, aindaque ao presente naõ seja mais que discipulo. Naõ terá mesmo quasi mais trabalho em debuxar quatro ou cinco figuras depois, ou mesmo huma vintena, se o quizer, do que huma só; porque póde seguir a respeito de todas, o methodo que terá observado neste exemplo, que faz ver que as figuras d'huma composiçaõ procedem, d'algum modo, huma da outra. Depois de estar o debuxo tirado em borraõ ou pelo maior, e as principaes partes se achaõ em seu justo lugar, applicará huma grande attençaõ em comparar a sua copia com o modelo, para ver; se a disposiçaõ está

está bem observada, e se as figuras produzem todo o seu effeito; porque se isto naõ for bem exactamente notado no esboço, elle experimentará tanto trabalho e desgosto em retocar a sua obra, que perderá logo a emulaçaõ e ardor, que tinha, para o trabalho, antes de ter ametade concluida. Mas se o esboço estiver bem traçado; se o encontro das partes estiver observado com cuidado; se se lhe tiver ajuntado ou separado, o que he necessario, póde esperançar-se d'hum feliz successo.

Quando se vem a passar o lapis vermelho sobre o esboço, deve ter-se cautella sobretudo que naõ faça desaparecer a alma, que já se lhe acha; o que facilmente acontece, se naõ se notaõ, quaes saõ as partes, que daõ hum movimento natural, e acçaõ ás figuras.

Liçaõ X.

Depois de ter o discipulo comprehendido bem o que até aqui temos ensinado ; será o tempo de dar elle as provas do que sabe fazer no desenho , e de trabalhar sobre principios solidos e fixos. Se lhe dará entaõ hum baixo relevo , quero dizer , hum ajuntamento de duas figuras, huma representada com roupas, outra nua , para ver se tem cumprido bem tudo , o que nos temos notado sobre os esboços , composiçaõ , disposiçaó , e a curvatura , que deve dar aos entalhes , segundo a diversidade dos objectos ; do modo que está indicado nas Fig. 3 , 4 , 5 , 7 , 8 da Est. III. Porém he necessario, mais que tudo , ter cautella , em que elle naõ ponha o seu modello , nem muito perto nem muito longe da luz , e que o tenha n'huma distancia taõ proporcionada que a sombra seja de huma força conveniente ; porque , quanto mais apartado estiver da luz , tanto mais pareceraõ as sombras fracas e duvidosas. Naõ he necessario igualmente que o discipulo esteja sentado muito perto do objecto ; porém deve achar-se n'huma distancia racionavel , quero dizer , que possa distinguir facilmente as attitudes , e sobre tudo as sombras dos olhos , do nariz , da boca , e das outras partes essenciaes ; o que prova naõ estar elle muito retirado. Em terceiro lugar, deve por o objecto n'huma tal altura , que os olhos das figuras estejaõ ao nivel dos seus , como diremos depois , com mais extensaõ Em quarto lugar , he preciso ter cautella em naõ receber mais que huma luz mediocre por huma só janella;

vis-

visto que assim se observaõ melhor as sombras do que por grandissima luz, que entra por muitas partes separadas humas das outras ; o que faz as sombras duvidosas. Seria inutil ensinar aqui ao discipulo, de que modo deve ter a sua pasta ou papelaõ, sobre que desenha, porque elle o vê praticar todos os dias pelos outros. Depois que tiver copiado o baixo relevo, de que acabamos de fallar, poder-se-ha julgar, se elle está em estado de passar adiante, e desenhar com branco e negro sobre o papel pardo, ou azulado; porque quando se sabe dispôr bem os entalhes, torna-se facilmente mestre do resto.

Liçaõ XI.

Depois de ter fallado do esboço, e da posiçaõ das figuras, na sexta e nona Liçoes, como tambem do ambito ou volteado dos traços, ou entalhes, na oitava; naõ deixará de ser util passar ao Desenho, que se faz com pedra branca e negra, sobre o papel escuro, ou azul. Para adquirir facilidade a este respeito, naõ ha melhor meio, do que exercitar-se em imitar o gesso, ou os Desenhos realçados de branco; porque o costume, segundo diz o proverbio, he huma segunda natureza. Debaixo desta vista he que representamos ao novo aprendiz cabeças imitadas do gesso, nas Est. II. e III. Mas em vez de que, sobre o papel branco, se arredondaõ os objectos pelas sombras, poupando as luzes; deve-se, pelo contrario, poupar aqui as sombras, e arredondar as luzes com o lapis. Istó naõ he, porque de todo se naõ necessite de sombras; porém só se precisa de pouca, e sómente

te em certos lugares. Depois de se ter traçado o contorno, se desenha, com a pedra branca, as partes mais salientes e mais illuminadas, como a testa, o nariz, e as faces, que se esbate pouco a pouco naõ com entalhes ou traços, porém empoando sómente nos lugares, onde a luz vem a ficar, e onde se reune com a sombra, como se póde vêr sobre iguaes desenhos. Feito isto, toma-se a pedra ou lapis preto, ou vermelho, e acabaõ-se as sombras com entalhes, por toda a parte onde deve havellas. Depois se esclarecem, ou se illuminaõ os claros do mesmo modo com o lapis branco.

Alèm de ser este modo de pintar muito agradavel, he o mais expedito, e por conseguinte mais vantajoso para o pintor. Eu naõ vejo tambem, se me he permittido dizer o meu pensamento, que os entalhes sobre o papel branco sirvaõ de alguma cousa na pintura; em vez de que o outro methodo he de grande soccorro. E verdadeiramente, se houvessem lapis de todas as cores, o que se tivesse assim executado, naõ faria o effeito de huma pintura? he pois essencial instruir-se a fundo neste methodo, que, álém disso, naõ he taõ facil, como se poderia imaginar, menos que senaõ tenha aprendido antes a manejar o lapis vermelho. Por outra parte, naõ se deve deixar allucinar por hum bello modo, porque o mais bello, e o mais expedito manejo do mundo naõ poderia já mais fazer hum desenhador habil e completo: a exacta postura, a belleza do contorno, e a relaçaõ das partes entre si, e com o todo, saõ, por onde deve elevar a sua perfeiçaõ. Por isso eu recommendo tambem, mais que tudo, aos discipulos, naõ se applicarem á pintura, senaõ depois que hum sabio mestre tiver julgado que el-

elles estaõ expeditos no desenho. Naõ he que eu pertenda, como alguns pintores, que seja necessario empregar desoito, vinte, ou vinte e quatro annos a manejar o lapis, antes de passar para o pincel. Bem longe disso, eu penso que he máo, se se toma, para fazer perder assim hum tempo destinado ao uso da razaõ. Porém he muito ordinario aos novos aprendizes, que se ouvem louvar, supporem-se capazes de manejarem depois em tudo o pincel, ainda que apenas saibaõ pegar no lapis. Outros ha que, cheios de ardor no principio, o perdem pouco depois. Vê-se finalmente huma terceira especie, que nada mais fazem que passar de huma cousa a outra, e que acabaõ sabendo nada; porèm voltemos ao nosso objecto.

Porque temos já instruido o nosso discipulo em copiar hum Desenho, he acertado que saiba, de que modo he preciso desenhar o semblante risonho, que se vê na Est. III. num. 5. Elle naõ deve notar com algum traço as pequenas rugas, que estaõ nos lugares illuminados; porque ficariaõ muito asperos, e o fundo do papel basta para isto; ainda que todos naõ sejaõ deste parecer. Principiará pela luz mais alta, quero dizer, pela testa; dalli passará ao nariz, e assim ao mais. Mas, para conseguillo bem, fará primeiro huma grande massa de luz, que distribuirá, como temos já dito, depois de lhe ter já dado hum grande talho de força. Supponde, por exemplo, que hum rosto esteja atravessado por quatro linhas parallelas, de que huma passa pela altura dos olhos, outra pela do nariz, a terceira pela da boca, e a ultima pela da barba. Tomai depois hum papel, e cobrindo o rosto até á mais alta linha, vos vereis entaõ somente a testa. Passai o lapis em to-

do este lugar illuminado ; isto feito , abaixai o vosso papel té a segunda linha , e continuai pelo nariz que desce directamente da testa. Passai dalli as faces , aos olhos , e a tudo , o que he de sua dependencia ; e vós aprendereis assim que huma luz nasce de outra. Vinde depois á boca , e ao queixo , reservando por ultima a barba. Deste modo vireis a ser de repente melhores na semelhança , e imitaçaõ do que por outro qualquer methodo.

Agora poderá o nosso discipulo desenhar as mais bellas figuras de gesso , taes como Apólo do Vaticano , Venus de Medicis , Antonino ; o que contribuirá a dar-lhe emulaçaõ , e a fazello , hum dia , hum mui habil mestre. Assim he , digo eu , que elle se aperfeiçoará , pouco a pouco , no desenho , e passará da imitaçaõ das figuras de baixo relevo , a desenhar a vista da natural ; porque hum he o ultimo degráo , que conduz para o outro.

Liçaõ XII.

Naõ resta fazer mais do que algumas notas sobre a posiçaõ, que o discipulo deve tomar, para ver commodamente as figuras, que quer desenhar, e que se achaõ em huma altura maior ou menor. Qualquer cousa, que tiver á vista, e quizer imitar, deve sempre observar, (quando a base do objecto se acha ao nivel do olho) por-se de geito, seja de pé, ou assentado, que possa encarar o objecto, do mesmo modo que o papellaõ, donde trabalha, sem mover a cabeça, nem para cima, nem para baixo; porque, além da perda de tempo, que isso causa, o olho se distrahe, e se varia. Pelo que respeita a distancia, em que se deve ter, he preciso que seja proporcionada a grandeza do objecto; quero dizer, quanto maior for o objecto; tanto mais retirado se deve estar; como faremos ver ao depois, quando falarmos do desenho a vista do natural.

He tempo de occupar-se o nosso discipulo em desenhar em ponto grande o modello, que lhe foi dado em pequeno; ou em ponto pequeno, o que elle vê em grande; porque he de huma necessidade absoluta que elle se exercite a julgar bem as proporçõe; e que por hum dilatado habito, o seu olho lhe sirva de regua e de compasso.

Quando o nosso dissipulo tiver chegado a este ponto, e tiver aprendido bem, o que acabamos de ensinar, he a proposito que elle examine suas forças e seus talentos; que saiba em fim, de que lado a sua propensaõ o arrebata, e de que modo quer estabelecer-se no mundo.

Porque naõ ha arte, nem sciencia, de que com soccorro do desenho, naõ possa elle fazer-se mestre.

Assim os pais e tutores devem buscar mestres habeis para seus meninos, porque sua felicidade depende desta escolha. Seria de desejar que, os que tem meninos, se aproveitassem deste aviso, cuja pratica naõ deixaria de nos dar; do mesmo modo, que em França, e Italia, grandes artistas, e excellentes mestres, que animariaõ os bons genios, que ha nestas Provincias, e que se perdem por falta de serem bem cultivados.

Liçaõ XIII.

Ajuntamos ainda algumas reflexões sobre os differentes modos de desenhar, que estaõ em uso.

O desenho á penna nos parece hum trabalho, taõ máo, como inutil, e que he mais proprio á hum mestre de escola do que a hum pintor, posto que alguns gravadores tenhaõ buscado introduzir este modo, que naõ póde servir, se naõ de fazer perder hum tempo precioso aos verdadeiros artistas.

O modo mais difficil, e, por conseguinte, o mais vicioso, he fazer desenhos a lapis, para os concluir com aguada, ou tinta. Com tudo semelhantes desenhos, executados por huma maõ habil, adiante de bons quadros, saõ de grande merecimento, aindaque pouco uteis aos desenhadores, e principalmente aos novos discipulos, a quem este estillo faz perder muito tempo.

Naõ ha melhor modo de desenhar sobre o papel branco (sejaõ figuras ou paisagens, e que sirva ao mesmo tempo de principios para a gravura) do que empregar o lapis vermelho, que produz hum effeito agradavel, porém cujo maneiamento he difficil. Comtudo, servindo-se deste procedimento, naõ he necessario fazello com linhas muito desunidas, como o fazem em geral os novos gravadores, ou procurando de empôalo; mas sim fazer os entalhes ou traços d'hum modo firme e desembaraçado, e naõ os cruzando já mais duas ou tres vezes huma por cima da outra: o que forma huma maõ firme, e ensina a conhecer a forma das cousas, que se copiaõ.

O desenho sobre o papel escuro, ou azul, fa-

fazendo os realces com o branco, como temos dito, na liçaõ undecima, he o modo mais agradavel, e o mais expeditivo; he tambem sem controversia o mais util e o mais perfeito, tanto para compor, como para desenhar diante do natural, e para depois servir, para executar hum quadro; porque he, o que tem mais commodo, compondo, para indicar, com hum lapis branco n'hum esboço, as luzes claras, sejaõ d'huma luz natural, ou artificial, principiando pela parte principal, degradando tambem insensivelmente, deixando o mesmo fundo, para servir de sombras. Este estillo he tanto mais commodo, quanto he facil de estabelecer-se, com hum dedo humido, a força dos realces, e tambem destruilos inteiramente; quanto, por assim dizer, he impossivel produzir o mesmo effeito por sombras sobre o papel branco. Depois disto, pode-se formar huma idéa de quanto he agradavel, desenhando a vista do natural, qualquer objecto, que for, o poder dar-lhe redondeza ou relevo por meio dos realces sós, que, ao mesmo tempo, lhe produzem as sombras, e daõ huma armonia juntamente, obrigando sómente a indicar, por todos os ladós, alguma sombra forte, produzida por grandes cavidades, para distinguir por esse lado os reflexos. No caso em que o fundo seja hum pouco mais assombreado, se produziraõ os reflexos por realces fracos. Esta especie de desenho he tambem, sem controversia, o melhor para servir de modello, quando se quer empregar estes esboços em hum quadro; porque huma figura pintada á vista d' hum modello igual tem toda a verdade da natureza, excepto o colorido. Além do que, desenhando a vista do natural, goza-se, por este modo, da vantagem de poder melhor dar ao de-

sen-

senho o movimeuto de vida; porque qualquer outro exige mais tempo, o que safa por conseguinte o modelo, e produz nelle grandes mudanças.

Restanos notar: que o lapis negro faz muito melhor effeito sobre o papel escuro, ou azul do que o lapis vermelho; por causa de que o negro tem mais rellaçaõ com estas duas cores do que o vermelho, e se conforma tambem melhor com os realces. De modo que eu aconselharia, que senaõ servissem já mais do vermelho, naõ sendo difficil achar a boa pedra, ou lapis negro; o que para o fim he bem indifferente, quando só se quer lançar seus primeiros pensamentos sobre o papel, e naõ de executar figuras completas, que eu quizera que se fizessem sempre á vista de quadros, ou de outros mestres, ou de si mesmo.

Liçaõ XIV.

Quando eu era principiante, e que somente tinha huma muito fraca idéa da belleza das obras antigas, me impunha hum dever de copiar com a mais escrupulosa exactidaõ o modélo nú, que eu encontrava na academia, assim como meu pai me tinha ensinado. Porém, quando eu queria servir-me destas figuras academicas nos meus quadros, eu as achava muitas vezes taõ pouco correctas, e taõ pouco concordantes com o resto da minha obra, que aquillo me embaraçava; de sorte que me via obrigado a fazer lhe grandes mudanças, o que me enganou muito; naõ podendo assás admirar que a natureza mesma me conduzisse a iguaes erros, em quanto me parecia taõ bella, e mesmo inimitavel. Mas, reflectindo melhor ao depois, achei que isto vinha do pouco conhecimento, que eu tinha da antiguidade; appliqueime pois a estudalla com cuidado, e depois daquelle tempo, considerei a natureza debaixo d'hum differente aspecto, o que naõ tinha feito até entaõ; o que me deu meio de corrigir o meu modello, desenhado a vista da natureza, sem muito custo; e por assim dizer, sem o pensar. O melhor methodo, segundo me parece, para desenhar com proveito figuras academicas, a vista do modello, he copiallo exactamente, sem lhe mudar nada; principalmente sendo de muito bella proporçaõ por si mesmo, e quando se naõ tem ainda adquirido hum conhecimento bem profundo das bellezas da antiguidade; occupando-se ao mesmo tempo em adquirir este conhecimento pelo estudo reflecti-

do

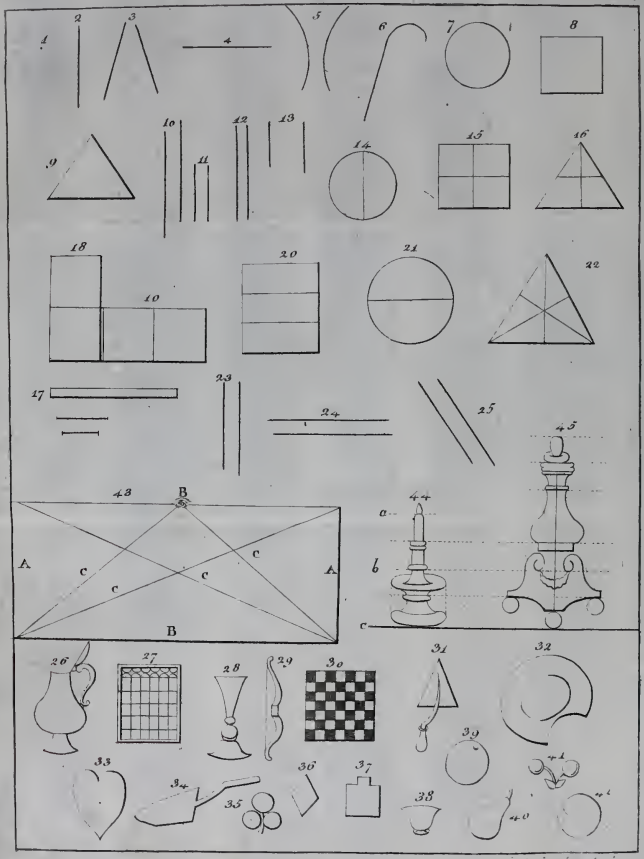
do de bons gessos, e de bellos desenhos, ou bellas gravuras; sem com tudo molestar a cabeça, e sem fatigar o espirito; comparando com estes objectos todas as partes de seu modello; o que conduz a distinguir sem trabalho o antigo do moderno. Para facilitar mais este estudo, recorrerás a anatomia; naõ para vos instruir a fundo nesta sciencia, mas sómente para aprender a conhecer o verdadeiro encaixe dos ossos, dos musculos, dos nervos, dos tendões, etc; sobretudo os principaes e que se fazem notar mais, taes, por exemplo, como os musculos do pescoço, das omoplatas, das cadeiras, das coixas, das pernas, dos braços, etc; porque sem este estudo he impossivel chegar a correcçaõ do desenho.

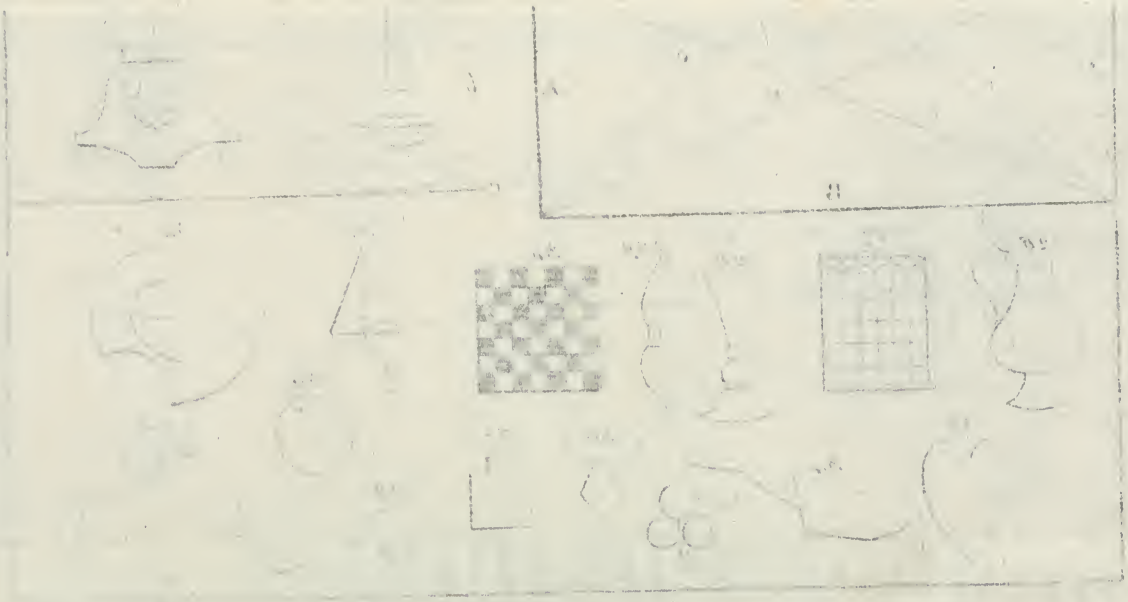
Para desenhar a vista da natureza, he necessario observar por bem: 1. A distancia, em que he necessario pôr-se do modello, para poder considerar no inteiro ou no todo debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, e aquillo sem ter precisaõ de levantar a cabeça, como o temos já dito na duodecima liçaõ. 2. Sua linha central ou de gravitaçaõ, quer esteja de pé, quer assentado, para que se possa conhecer, quaes saõ as partes que sustentaõ maior peso; o que conduz para saber. 3. Quaes saõ os membros, que se achaõ actualmente em acçaõ, e que musculos devem ser mais fortemente declarados. 4. A sombra conduzida sobre o plano, em que está posto o modello com seu comprimento e largura, para saber, onde he necessario assentar a figura na composiçaõ, se a direita, se a esquerda, ou no meio. Por ultimo 5. O horisonte, para que seja o mesmo, que se deve empregar no quadro; o que he despresado mesmo por muito bons mestres, que assentaõ in-

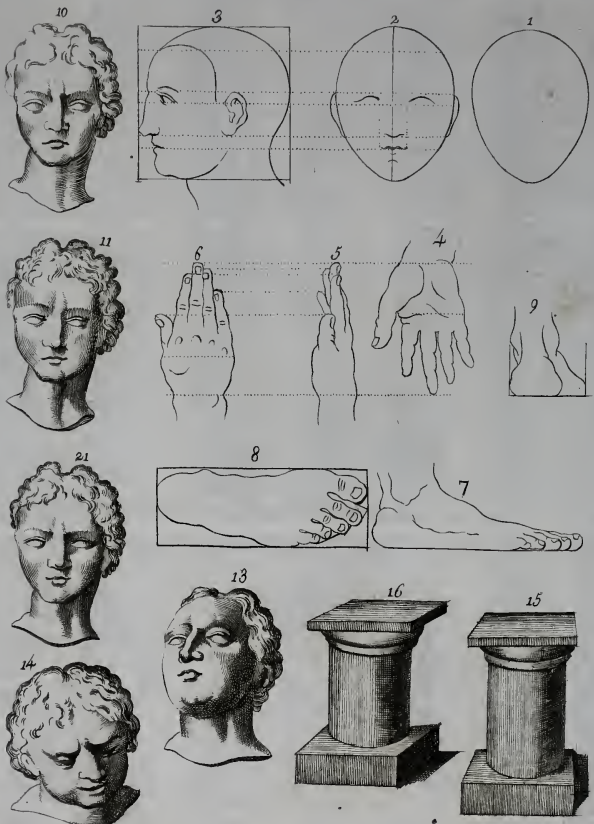
differentemente a esquerda huma figura, que deveria estar a direita do ponto de vista; contentando-se com mudar a sombra conduzida, segundo as leis da perspectiva: vede a Est. IV. Fig. 1. e 2.

O melhor modo, e o mais seguro, para desenhar a vista do natural, he pensar sempre em cada parte do corpo, e recordar-se do justo encaixe, e verdadeiras formas, ou contornos sem as variar ou alterar. Porque os que contrahiraõ hum estillo vicioso peccaõ ordinariamente nisto, vem a ser, alçando ou levantando as partes inteiras do contorno de suas figuras, como se ellas fossem montões grotescos; o que acontece de esbaterem muito; e tornaõ, por assim dizer, imperceptiveis as partes salientes ou os musculos; ao mesmo tempo que outros cahem no deffeito contrario, avivando com força igual todos os musculos, sem deixar algum por pequeno que seja; de modo que suas figuras parecem esfolladas. He necessario pois applicar o maior cuidado e attençaõ sobre a redondeza das partes illuminadas, para polas a principio com as formas do contorno, sem se deixar seduzir, pelo que se chama hum modo grande, e desembaraçado, ou pelo que se chama suave e corrente, conformando-se sempre com a verdade da natureza.

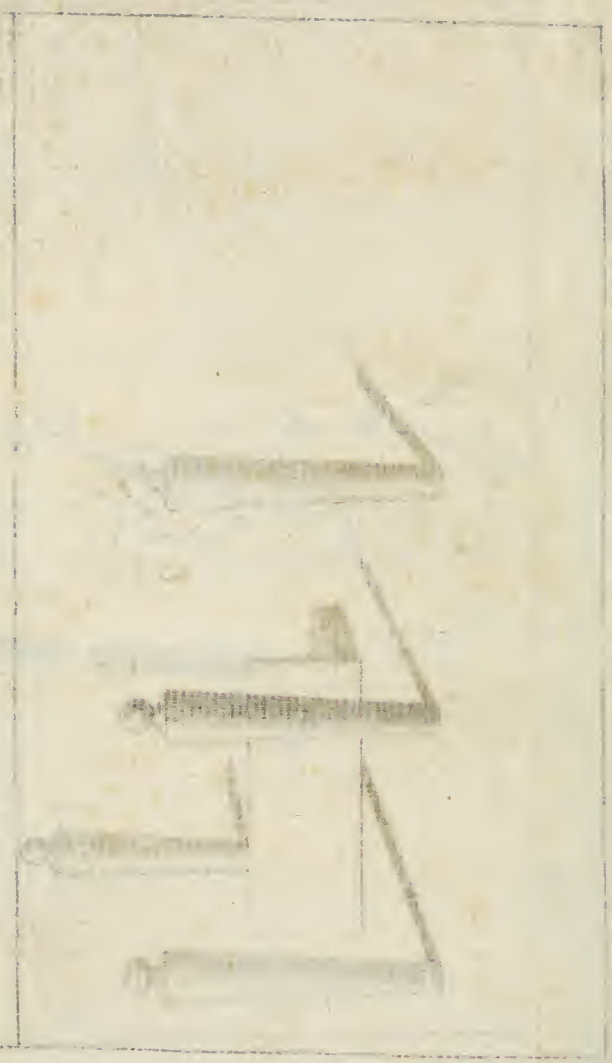
FIM.


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
43
44
a
b
c
43
B
A
c
A
B





Sendas J. No Arco do Cego.

Fig 3

Scale Comfort
2